

Dossiê: "Território, desejo e erotismo: cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro"

Plataformização e "cuidado de si": Uma Análise Etnográfica dos Intercâmbios Sexuais e Econômicos¹ em Belém do Pará

Jennifer Portela de Sales

Secretaria de Educação Estado do Pará
portelasales@gmail.com – <https://orcid.org/0009-0007-6965-7472>

Maria Angelica Motta-Maués

Universidade Federal do Pará
angelicamaues@uol.com.br – <https://orcid.org/0009-0007-9521-8086>

Telma Amaral Gonçalves

Universidade Federal do Pará
telmaral@ufpa.com.br – <https://orcid.org/0000-0003-3857-4184>

¹ É importante destacar que as interlocutoras não nomeiam o que fazem como trabalho sexual ou prostituição, preferindo recorrer a outras denominações para se referirem às negociações que realizam nas “esquinas virtuais”, como “bico”, “acompanhante” ou simplesmente “garota”. Essa escolha terminológica revela o cuidado em distanciar-se de categorias fortemente marcadas pelo estigma social, evidenciando as estratégias de manejo simbólico e moral que permeiam suas práticas. Observa-se, ainda, que as interações e trocas estabelecidas nas plataformas não se reduzem à relação econômica entre sexo e dinheiro, mas envolvem afetividades, presentes, “ajudas” e trocas de favores diversos. Tais dinâmicas dialogam com as discussões de Adriana Piscitelli (2016) sobre os intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos, conceito que contribui para compreender a fluidez das fronteiras entre economia, afeto e sexualidade nas experiências etnográficas aqui analisadas.

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado de caráter etnográfico sobre o trabalho sexual nas “esquinas virtuais” de Belém do Pará. A análise qualitativa baseia-se em entrevistas em profundidade com três mulheres, entre 24 e 35 anos, moradoras de bairros periféricos, complementadas pela observação de seus perfis em plataformas digitais. O texto discute como a “plataformização” do mercado sexual redefine práticas, oferecendo maior flexibilidade e controle, mas também gerando novas vulnerabilidades, como a vigilância algorítmica, o risco de vazamento de conteúdo, a sobrecarga emocional ligada à gestão da intimidade e a instabilidade financeira. A partir de uma perspectiva interseccional, examinam-se os atravessamentos de raça e classe nas performances e estratégias de autopreservação das interlocutoras. As práticas de “cuidado de si” emergem como tecnologias do eu ambivalentes: se expressam agência diante do estigma, também operam como práticas de autogoverno alinhadas às exigências do mercado, articulando liberdade e sujeição.

Palavras-chave: “Esquinas virtuais”; Trabalho Sexual; “Plataformização”; “Cuidado de si”; Interseccionalidade.

Platformization and Self-Care: An Ethnographic Analysis of Sexual and Economic Exchanges in Belém do Pará.

ABSTRACT

This article presents an excerpt from an ethnographic master's thesis on sex work in the "virtual corners" of Belém do Pará. The qualitative analysis is based on in-depth interviews with three women, aged between 24 and 35, living in peripheral neighborhoods, complemented by observation of their profiles on digital platforms. The text discusses how the "platformization" of the sex market redefines practices, offering greater flexibility and control, but also generating new vulnerabilities, such as algorithmic surveillance, the risk of content leaks, the emotional overload linked to the management of intimacy, and financial instability. From an intersectional perspective, the intersections of race and class in the performances and self-preservation strategies of the interviewees are examined. Self-care practices emerge as ambivalent technologies of the self: while expressing agency in the face of stigma, they also operate as self-governance practices aligned with market demands, articulating freedom and subjection.

Keywords: Virtual corners; Sex work; "Platformization"; Self-care; Intersectionality.

Plataformas y autocuidado: Un análisis etnográfico de los intercambios sexuales y económicos en Belém do Pará.

RESUMEN

Este artículo presenta un extracto de una tesis de maestría etnográfica sobre el trabajo sexual en los espacios digitales de Belém do Pará. El análisis cualitativo se basa en entrevistas en profundidad con tres mujeres de entre 24 y 35 años, residentes en barrios periféricos, complementadas con la observación de sus perfiles en plataformas digitales. El texto aborda cómo la "plataformización" del mercado sexual redefine las prácticas, ofreciendo mayor flexibilidad y control, pero también generando nuevas vulnerabilidades, como la vigilancia algorítmica, el riesgo de filtraciones de contenido, la sobrecarga emocional vinculada a la gestión de la intimidad y la inestabilidad financiera. Desde una perspectiva interseccional, se examinan las intersecciones de raza y clase en las prácticas y estrategias de autopreservación de las entrevistadas. Las prácticas de autocuidado emergen como tecnologías ambivalentes del yo: al tiempo que expresan capacidad de acción frente al estigma, también funcionan como prácticas de autogobierno alineadas con las demandas del mercado, articulando libertad y sujeción.

Palabras clave: Espacios virtuales; Trabajo sexual; Plataformas; Autocuidado; Interseccionalidad.

Introdução

O presente estudo se baseia em resultados parciais da pesquisa para dissertação de mestrado, especialmente nas interações e dinâmicas que ocorrem nas “esquinas”, — entendidas tanto como espaços físicos quanto virtuais — onde intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos são negociados. Para a compreensão deste fenômeno, é crucial distinguir a infraestrutura tecnológica do campo das interações sociais que dela emerge. O digital pode ser entendido como a infraestrutura técnica fundada na lógica numérica que sustenta dispositivos, softwares e redes, permitindo a manipulação e circulação de dados, configurando-se também como um ambiente sociocultural no qual sujeitos constroem identidades e vínculos (Miller; Horst, 2012). Em contraste, e articulando-se com essa base material e codificada, o virtual designa o campo das potencialidades que se atualizam em práticas concretas (Deleuze, 1968; Lévy, 1996). Assim, o virtual refere-se às formas de sociabilidade, economia e subjetividade que emergem a partir da base digital, constituindo as experiências contemporâneas em que afetos, trocas e normas sociais são mediadas tecnologicamente.

A referida pesquisa se ancora na observação de 467 anúncios postados nas plataformas digitais “S”, “N”, “G” e “F”², publicados de dezembro de 2018 a setembro de 2021; e na interlocução com três mulheres — Melody, Maia e Ímola —, residentes em bairros periféricos de Belém, todas com formação escolar em instituições públicas, o que, segundo elas, indica um marcador de classe social comum.

Os marcadores sociais de raça e orientação sexual, que se articulam de maneiras distintas em suas vidas, são particularmente relevantes para esta análise. Maia (24 anos) se declara como mulher negra e bissexual. Ímola (32 anos), que se identifica como branca, não chegou a ser absorvida pelo mercado de trabalho formal em sua área após a graduação. Já Melody (35 anos), que se declara parda e heterossexual, relata uma passagem pela docência marcada pela baixa remuneração.

Apesar das diferenças, as três concluíram o ensino superior na área da educação. A busca por complementação de renda ou por uma nova inserção profissional as conduziu ao mercado do sexo. Suas narrativas articulam-se com um fenômeno social mais amplo, observado em parte da população brasileira de origem popular que, mesmo após o acesso ao ensino superior, encontra barreiras significativas de ingresso e permanência no mercado formal. Nesse contexto, os intercâmbios sexuais e econômicos mediados por ambientes

² As plataformas observadas estão nomeadas dessa forma, com vistas à garantia da preservação da identidade dos sites, bem como das interlocutoras deste estudo.

digitais emergem não apenas como uma alternativa econômica, mas como um campo de atuação complexo, cujas dinâmicas, agenciamentos e formas de cuidado constituem o foco desta análise.

Em meio à expansão digital, aplicativos como WhatsApp e outros espaços digitais transformaram-se em "esquinas", permitindo maior flexibilidade para as acompanhantes em termos de controle sobre suas agendas, segurança e tipo de serviço oferecido. No entanto, essas plataformas³ também impõem novos regramentos, frequentemente enraizados em expectativas estéticas e dinâmicas de poder e trabalho.

A análise concentra-se em dois eixos principais: as práticas de autopreservação e os regramentos que emergem nas interações com clientes, tanto nas plataformas digitais quanto nas esquinas físicas. O conceito de "cuidado de si", de Michel Foucault (2007), auxilia a compreender como essas mulheres produzem estratégias de constituição de si em contextos de dupla carreira: ao mesmo tempo em que buscam ocultar e administrar suas atividades ligadas aos intercâmbios sexuais e econômicos, investem na construção de outras possibilidades vinculadas à sua formação acadêmica e profissional.

Nessa perspectiva, o "cuidado de si" não se limita a práticas de proteção individual, mas envolve um jogo sofisticado de gestão da visibilidade e de circulação entre diferentes mundos sociais. Os ambientes digitais desempenham papel central nesse processo, pois, ao estabelecerem normas, algoritmos e políticas de uso, moldam a frequência, a forma e os limites das negociações. Como apontam autores como Tarleton Gillespie (2018) e Thomas Poell; David Nieborg; José Van Dijck (2020), as plataformas não são apenas espaços neutros de mediação, mas instâncias de regulação do trabalho e da vida social, impondo regras que tensionam e condicionam as possibilidades de atuação das trabalhadoras.

Logo, o objetivo deste artigo é analisar de que modo a "plataformização" das negociações no mercado do sexo em Belém do Pará reconfigura as práticas de "cuidado de si", a partir do diálogo com Melody, Maia e Ímola, bem como das observações dos perfis e interações nas plataformas digitais onde esses intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos se desenvolvem.

Das esquinas físicas às digitais: territórios de negociação

³ Poell; Nieborg; Van Dijck (2020), Miller e Horst (2015), Miller e Horst (2012), Miller e Slater (2004), Gillespie (2010).

Desde a popularização do acesso à internet na década de 1990, a comunicação via e-mails e a socialização em sites de relacionamento revelaram-se como novas figurações de sociabilidades que moldam os comportamentos dos usuários. A criação de inúmeras ferramentas de relacionamento online gerou uma dimensão virtual da sociedade, que alimenta transformações significativas nas sociabilidades, permeadas por um processo de “desterritorialização” (Miskolci, 2016, p. 21). Nesse cenário, as plataformas digitais consolidam-se como ambientes de interação social, redefinindo nossas percepções de espaço, tempo e modos de relação.

A “plataformização” das relações sociais e econômicas (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020) transforma as interações em ambientes digitais, ampliando a flexibilidade e a “ubiquidade” dos intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos. No entanto, essa dinâmica está impregnada de tensões. As interlocutoras deste estudo, por exemplo, mobilizam estratégias para administrar sua presença e atuação nesses espaços, estabelecendo limites essenciais como parte de um contínuo processo de “cuidado de si”.

O “cuidado de si”, compreendido como um conjunto de práticas voltadas à gestão de riscos e à preservação da autonomia, emerge como um elemento central na experiência dessas mulheres. Por um lado, as plataformas prometem acessibilidade e liberdade; por outro, impõem desafios que vão desde a vigilância algorítmica (Gillespie, 2010) até exigências de disponibilidade permanente, típicas da “ubiquidade” possibilitada pela internet (Miller; Horst, 2015).

As narrativas das interlocutoras mostram como as plataformas funcionam como “esquinas virtuais”, onde a visibilidade e controle devem ser constantemente equilibrados. A liberdade aparente oferecida pela conectividade (Miller; Horst, 2012) pode, na prática, resultar em sobrecarga emocional e novas vulnerabilidades — como a ilusória autonomia, liberdade e segurança. A construção de limites, portanto, não acontece apenas no plano operacional — na escolha de horários, clientes ou modos de interação —, mas constitui um recurso essencial para a manutenção de uma certa autonomia relativa e bem-estar, ainda que tensionada pelas restrições impostas pelas condições objetivas de possibilidades.

O conceito de “plataformização”, conforme discutido por Poell; Nieborg; Van Dijck. (2020), reforça a ideia de que a internet contemporânea não é mais um espaço aberto e generativo, mas sim um ecossistema controlado por plataformas que mercantilizam dados e interações, transformando a natureza das trocas sociais. Essa dinâmica ressoa com a observação de Lévy (2003), que vê o ciberespaço como um campo

rico em informações e uma oportunidade para a construção de uma "inteligência coletiva" (Lévy, 2004).

As plataformas digitais, como grupos de WhatsApp, figuram-se como "esquinas", onde diversas sociabilidades e negociações ocorrem, incluindo interações afetivo-sexuais e econômicas. A comparação com esquinas físicas revela uma maior flexibilidade no ambiente digital, e impõe novas formas de regramento e vulnerabilidades relacionadas à exposição, segurança e estéticas exigidas pelos clientes.

Exigências e Acessibilidade das Plataformas

Os espaços de sociabilidade — físicos ou digitais — são estruturados por regramentos que determinam quem pode circular, interagir e ser reconhecido como participante legítimo. O ambiente digital constitui uma dimensão concreta da realidade social, um campo desterritorializado ou, de algum modo, um território, onde normas explícitas e simbólicas se articulam na mesma medida em que as relações se entrelaçam. No caso das esquinas físicas, esses regramentos combinam normas explícitas e códigos simbólicos que organizam a circulação e a visibilidade social. Assim como, as plataformas digitais onde se dão as interações e negociações analisadas neste estudo operam por meio de exigências explícitas e implícitas: critérios gerais, como a idade mínima de 18 anos para cadastro, e barreiras mais específicas, vinculadas a padrões estéticos e a custos financeiros que podem restringir o acesso de potenciais anunciantes.

A plataforma N, embora não utilizada diretamente pelas interlocutoras, foi frequentemente mencionada como referência devido às suas exigências estéticas e financeiras mais rigorosas, alinhadas ao perfil de acompanhante de luxo: mulheres, brancas, jovens, todas mulheres cis, algumas com intervenções cirúrgicas como o uso de silicone, que são evidenciados nos perfis como diferencial. Esse segmento é envolto em um “intrincado regulamento que abarca tanto um mercado estético extremamente rigoroso, como clientes cujo padrão de excelência é alto [...]” (Silva, 2018, p.41), exemplificando como padrões de beleza, raça e investimento econômico funcionam como filtros simbólicos e socioeconômicos.

Plataformas como F e G exigem “vídeos de comparação” ou “fotos anti-fake” com o corpo exposto para validar a autenticidade do perfil. Já a N realiza uma avaliação estética prévia e recusa perfis que não se adequam ao seu padrão, afirmando “não aceitar qualquer pessoa”. Em termos financeiros, S, F e G permitem anúncios gratuitos, com opção de

impulsionamento pago, enquanto a N exige altos custos iniciais e ensaios fotográficos profissionais. Esses diferentes requisitos refletem-se nos valores cobrados: nas primeiras, os cachês variam entre R\$50,00 e R\$500,00; na N, partem de R\$500,00 por hora. Plataformas de menor exigência apresentam maior diversidade racial, com predominância de mulheres negras, pretas, mulatas e morenas.

Essa segmentação evidencia como os padrões hegemônicos de raça e classe se reproduzem no ambiente digital, determinando visibilidade e valor no mercado sexual (Pinheiro; Rodrigues, 2020). O investimento em impulsionamento e ensaios profissionais cria uma clivagem digital (Bernstein, 2007), estabelecendo barreiras de acesso e remuneração para mulheres de classes populares, ao passo que reforça o valor de mercado vinculado à branquitude e ao alto investimento estético.

As exigências das plataformas não são neutras; elas operam como mecanismos de regulação que refletem e reforçam padrões de classe, raça e gênero. Essa curadoria articula seleção de corpos, bem como define quais expressões de feminilidade e sexualidade são valorizadas ou marginalizadas, reforçando o imaginário racializado do desejo masculino e a exclusão simbólica de corpos negros e periféricos (Miskolci, 2017). As plataformas, além de conectar pessoas, também moldam o que é considerado desejável, influenciando diretamente a visibilidade e o valor atribuído a cada anunciante.

Essa diferença de acesso econômico e simbólico revela como as plataformas digitalizam desigualdades históricas, transformando padrões de consumo, estética e desejo em critérios de pertencimento. A acessibilidade, nesses ambientes, não se limita à possibilidade de criar um perfil ou investir financeiramente, mas envolve também a visibilidade: quem é reconhecida, desejada e legitimada como parte desse mercado. O valor de mercado, portanto, não se define só pela performance ou pelo investimento, como também pela conformidade aos padrões hegemônicos de branquitude e luxo, que estruturam o que é considerado desejável e invisibilizam corpos e expressões de feminilidade fora desse padrão.

Apesar das restrições e desigualdades de acesso, as plataformas também são apropriadas pelas interlocutoras como espaços de agência e negociação, permitindo-lhes exercer controle sobre tempo, clientes e riscos — ainda que dentro de limites impostos pelos dispositivos de regulação. Essa autonomia se manifesta, por exemplo, na possibilidade de recusar clientes indesejados ou reorganizar agendas de forma autônoma. Maia exemplificou essa dinâmica ao recusar uma proposta, afirmando que estava ocupada. Esse controle sobre o tempo e espaço das interações digitais reflete uma vantagem das

plataformas, que também são vistas como um recurso para reduzir riscos de violência e garantir maior segurança.

"Plataformização" e Reconfigurações do Mercado Sexual Online



Figura 1– Posando para as “esquinas virtuais”. Autoria: Marcella Feliz. Fonte: Sales, p.40, 2020.

As transformações contemporâneas, impulsionadas pela racionalidade neoliberal— entendida como um modo de governo que produz sujeitos empreendedores de si responsáveis por gerenciar seus próprios riscos e potencialidades— atravessam diversos aspectos da vida social (Dardot; Laval, 2016). Associadas às transformações comunicacionais, a lógica da aceleração e do compartilhamento afeta também o mercado do sexo, remodelando serviços e promovendo o surgimento de modalidades *Web Stripper*, *WebCam Model* ou *CamGirl*, nas quais as mulheres se colocam à disposição para atender,

de forma online, pedidos, fantasias, fetiches de clientes, que podem incluir conversas ou performances frente à webcam.

Mais do que uma “uberização” — termo que remete à precarização de vínculos formais e à lógica do autosserviço —, o que se observa é um processo de “plataformização” das interações. Como argumenta Lorena Caminhas (2022), a inserção de trabalhadoras sexuais em plataformas digitais não precariza uma relação de trabalho formal pré-existente, mas reconfigura uma autonomia que já era constitutiva da atividade, introduzindo novas dinâmicas de dependência tecnológica e de gestão de si. As plataformas, ao mediar esses intercâmbios, produzem padrões de sociabilidade, consumo e autogoverno, moldados por seus regramentos, políticas de uso e sistemas de reputação.

Essa “plataformização” pode ser compreendida como uma reengenharia dos intercâmbios sexuais e econômicos, que tensiona a liberdade aparente das trabalhadoras com novas formas de vigilância e auto exploração algorítmica (Gillespie, 2010). A autonomia, portanto, deixa de ser um dado e se torna uma prática constantemente negociada, atravessada por exigências de visibilidade, desempenho e controle. É nesse espaço ambivalente — entre liberdade e sujeição — que se desenham as práticas de “cuidado de si”: modos de autogoverno e de gestão do risco que articulam ética, segurança e desejo, revelando a dimensão subjetiva das experiências de quem atua nas chamadas “esquinas virtuais”.

A escolha dos locais para a realização dos programas aparece como uma medida de segurança, pois escolher apenas lugares conhecidos e confiáveis é uma estratégia que acreditam reduzir riscos. Fazer o programa em ambientes respeitados pode aumentar a segurança ao inibir práticas de violência por parte dos clientes, além de julgamentos morais, por serem locais mais reservados. Maia, por exemplo, mencionou que

Mandava a placa do carro, com a localização em tempo real; que horas eu ia atender; que hora eu ia sair [...]. Eu não era da rua, não fazia pistão, só era acionada por agendamento, pelo aplicativo ou site. Mesmo assim, eu sempre andava com alguma coisa que eu pudesse me defender minimamente [...] sempre com uma faquinha; mas nunca precisei usar. Meus atendimentos sempre foram tranquilos, nunca passei nada de ruim, mas as minhas amigas que fazem, sempre compartilham a localização em tempo real, pra gente sempre ficar por dentro das coisas (Maia, via WhatsApp, 2019).

A tensão e o medo caminham com elas, seja diante das acusações e discriminações, seja diante das violências físicas que atravessam suas experiências.

Precisa ter coragem pra se sujeitar a certas situações, se arriscar e ter muita sorte. Eu não sei descrever o sentimento de estar com um desconhecido. É uma coisa de momento, de medo, de ansiedade, porque a gente não sabe quem é a pessoa. A gente tem um objetivo e tenta fazer, torcendo pra que dê tudo certo (Melody, trecho de entrevista, 2018).

“Dar tudo certo” traduz-se em sair ilesa do motel ou qualquer outro local onde o programa ocorra, não ser agredida ou roubada. Nenhuma das interlocutoras deste estudo afirmou ter vivido algum tipo de violência durante os atendimentos, mas demonstraram uma clara preocupação e percepção dos riscos que permeiam a prática dos intercâmbios sexuais e econômicos, que vão desde julgamentos morais até agressões físicas.

Elas desenham uma trama diária para transitar nessas “esquinas”, cuidando da saúde de seus corpos, da integridade física e mental, e desenhandando direções que vão além das “esquinas”. As três interlocutoras expressaram o desejo de, em algum momento, deixar a atividade, revelando que suas trajetórias no mercado sexual são atravessadas por um projeto de vida em que autonomia, risco e aspirações de futuro são constantemente negociados para garantir a própria sustentabilidade.

Práticas de "cuidado de si": Limites Corporais e Simbólicos

O contato com as interlocutoras permitiu perceber que as relações nas “esquinas” — físicas e digitais — são permeadas por significações, limites e trocas, e que, assim como em outros contextos sociais, as sociabilidades se organizam por negociações e regramentos. Dessa forma, as interlocutoras desta pesquisa apontaram condições para o trânsito nas “esquinas”, os limites simbólicos dos serviços prestados por elas nas relações com clientes, as redes de cuidados estabelecidas e como esses aspectos configuram uma série de práticas de cuidados de si.

Esses cuidados vão além da autopreservação individual, articulando-se com processos sociais, econômicos e tecnológicos que condicionam a agência das mulheres e os riscos enfrentados. Para Elisiani Pasini (2000), os limites corporais se apresentam como um conjunto de regras que regulam as relações com os clientes. Segundo a autora, é por meio das ações e comportamentos das garotas que essas diferenças são vivenciadas e transmitidas socialmente. Nos gestos e atitudes corporais delas estão impregnadas percepções sobre saúde, doença, sentimentos e, especialmente, a distinção que elas fazem entre clientes e não-clientes. Através de suas posturas e ações, elas constroem significados

sociais que são expressos e compartilhados, moldando, assim, suas experiências no cotidiano (Pasini, 2000, p. 199).

Foucault (2014) observa: “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo” (Foucault, 2014, p. 6). Essa ocupação de si indica uma relação “singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (Foucault, 2014, p. 50). Dessa maneira, o “cuidado de si”, compreendido como um conjunto de práticas pelas quais o sujeito age sobre si para atingir uma transformação, pode ser observado nas falas de Maia, Melody e Ímola.

A formulação de regras — da quantidade de programas aos serviços oferecidos — opera simultaneamente como limite protetivo e como prática de autogoverno, na qual a mulher administra seu corpo como recurso produtivo e espaço de autopreservação. Isso revela a tensão entre autonomia e autodisciplina exigida pelo mercado sexual. Por exemplo, Melody limita a quantidade de programas para se preservar: “eu, sinceramente, não faço 3, 5 porque eu também sou ser humano, eu sinto dores... isso mais na frente vai me prejudicar” (Entrevista, Belém, dezembro de 2018). De forma similar, Maia estabelece limites sobre os serviços que oferece: “faço anal se não for muito grosso” (Registro de conversa pelo WhatsApp, em outubro de 2019). Ambas as práticas remetem ao que Dulce Gaspar (1984) observa sobre as mulheres que atuam nos intercâmbios sexuais construírem “barreiras simbólicas em relação a cada programa”, um exercício direto de autogoverno do corpo.

A partir das plataformas digitais, as negociações com clientes envolvem definição de serviços, local e preço, estabelecendo regras de atuação e condições de segurança. As “esquinas” virtuais funcionam como os pontos observados por Pasini (2000), localizados em esquinas analógicas: “[...] é nos pontos que elas agenciam sua performance⁴ na prostituição, através de práticas que se revelam na corporalidade e nas suas relações sociais” (Pasini, 2000, p. 190).

Essas práticas performáticas desempenhadas pelas transeuntes das “esquinas”, sejam elas analógicas ou digitais, são definidas de acordo com os espaços percorridos e com quem as interações acontecem — sejam clientes, amigos ou familiares. Isso contribui

⁴ “[...] a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberativo, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (Butler, 2001, p. 154).

com a mobilização de regras e posturas. A relação (afetiva, comercial, afetiva-comercial etc.) demarca limites simbólicos que permeiam as relações. no caso dos intercâmbios sexuais e econômicos, podemos citar locais de atendimento, público atendido, bem como serviços/fantasias, entre outros aspectos que serão discutidos ao longo deste tópico. Essas negociações puderam ser vistas nas plataformas observadas, nos campos disponibilizados para livre acesso, ou seja, sem a necessidade de login.

Acerca do local para atendimento, Melody enfatiza que

tem que ser totalmente seguro, discreto, bom, tanto pra mim quanto pro cliente. Eu tenho um local, um hotel, pra eu não ter outros custos no caso de alugar um local e ter um local que eu já conheça, por segurança. Quando é combinado com local incluso, o programa sai mais caro. A minha estratégia é essa; eu não sei das outras. (Melody, trecho de entrevista, 2019).

Sobre esse mesmo aspecto, Maia afirmou que: “hoje em dia eu tenho muita precaução em relação a sair com qualquer pessoa; atendo só em motel rico daqui de Belém, só motel chique, tipo Mirage, e o cara paga. Só vou pra motéis de alto padrão e o cara banca o custo” (Maia, via WhatsApp, 2020).

O uso de aplicativos e plataformas digitais, como grupos de WhatsApp, permite diálogos prévios e definição de condições dos serviços. As acompanhantes podem recusar propostas por compromissos ou necessidade de descanso, garantindo maior controle sobre sua agenda. Ela recebeu propostas para programas uma hora depois do contato e se recusou, afirmando que estaria ocupada. A “ubiquidade” permitida pela internet, aliada ao uso de aplicativos móveis, possibilita que as garotas sejam acionadas mesmo durante outras atividades, como no salão de beleza, na universidade ou no trabalho. Isso permite que organizem suas agendas, desmarquem com algum cliente em potencial. Essas dinâmicas de programar, desmarcar e recusar atendimentos diferenciam-se dos pontos em espaços analógicos — a esquina, a boate, a casa de massagem — nos quais a presença física e a espera contínua por clientes se tornam parte constitutiva da atividade.

Relações e Limites nas Interações

As relações no âmbito das trocas sexuais e econômicas não se restringem a sexo por dinheiro; ocorrem trocas de experiências, conversas sobre política, cinema, problemas pessoais e cotidiano. Elas oferecem mais do que prazer sexual: realizam fantasias, oferecem companhia e conselhos. Por vezes, os encontros se tornam desabafos,

assemelhando-se a um diálogo terapêutico. Essas relações são permeadas por limites subjetivos e interdições, demarcadas tanto pela autopreservação corporal quanto pelas expectativas dos clientes. Tais limites, como a definição de serviços e a seletividade de atendimento, configuram estratégias de autopreservação e autogoverno.

Como já mencionado, os espaços de sociabilidade são atravessados por códigos, nomenclaturas e regras que os grupos constroem para organizar suas interações. Nos intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos, esse fenômeno também é presente, como apontam os estudos consultados para este trabalho. Tais estudos revelam que esses códigos e regras se modelam conforme fatores como região, classe, moral, intenção, escolaridade, configurações familiares, contexto histórico e o acesso à tecnologia, refletindo diretamente nas relações sociais.

Esses códigos e regras, que organizam as interações sociais em diferentes contextos, também se aplicam ao universo digital. Nas plataformas digitais — sejam *mobile* ou *desktop*⁵ — observam-se regramentos específicos para os usos desses espaços, frequentemente estabelecidos por meio de termos de uso ou formulários, conforme discutido na dissertação. Assim como nas interações presenciais, normas e padrões regulam a visibilidade e os perfis dos usuários, como os padrões estéticos exigidos (serão observados na próxima sessão) por sites de economia do sexo, que influenciam a forma como os indivíduos são percebidos e como seus perfis são acessados.

As práticas de cuidado também incluem o manejo de identidades e a negociação de limites. No contexto das plataformas, essas práticas se materializam em escolhas sobre quais informações pessoais compartilhar, como lidar com interações negativas ou ameaçadoras e de que modo se expor ao olhar e ao julgamento alheio. As interlocutoras evidenciam que o estabelecimento de limites corporais — seja pela quantidade de programas realizados por semana, seja pela seletividade em relação a clientes e tipos de serviços — constitui um exercício de autogoverno e de liberdade. Nessa perspectiva, o "cuidado de si" aparece como um trabalho ético de constituição de si mesmas, em que a regulação das próprias práticas se apresenta como estratégia de proteção e de autonomia frente às dinâmicas de risco e exploração presentes nas plataformas digitais.

O "cuidado de si", contudo, não se restringe ao corpo e à limitação dos serviços, mas se manifesta também na escolha dos locais de atendimento. As interlocutoras destacaram

⁵ Mobile refere-se ao acesso às plataformas por meio de smartphones; desktop indica o acesso realizado por computadores.

que a segurança e a discrição eram critérios fundamentais, funcionando como estratégias para minimizar riscos de violência e resguardar suas identidades. Tais critérios, além de resguardar a identidade das trabalhadoras, funcionavam como estratégias para minimizar riscos de violência.

Envolvimentos e redes de cuidado

As interações estabelecidas nas “esquinas”, sejam elas analógica ou online, revelam a complexidade dos intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos, em que os limites corporais, as sociabilidades e os regramentos criam um tecido intrincado de práticas de “cuidado de si”. O contato com as interlocutoras desta pesquisa evidencia que suas vivências estão impregnadas de significações e negociações, muito semelhantes a outras formas de socialização. Elas estabelecem redes de cuidados e definem os limites simbólicos de suas interações com os clientes, configurando, assim, suas práticas de autopreservação.

Esse conjunto de regramentos se configura nas relações para uso dos espaços digitais, mas não se limita a isso. Há, em verdade, um emaranhado de códigos e regras para trânsito e permanência nessas “esquinas”, que podem ser impostos por quem administra ou gerencia, seja o grupo de WhatsApp e/ou as plataformas criadas com a finalidade de possibilitar intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos, seja por quem oferece seus serviços. Elas sempre estabelecem com quem farão, se com uma ou mais pessoas, se o “programa” será completo (oral, anal, vaginal, como traduzido por elas), o preço do “cachê”, onde poderá ser etc.

Acerca da escolha dos clientes, perguntei às interlocutoras se atendiam mulheres. Maia respondeu:

“nunca fiz com mulher, nunca nenhuma mulher me procurou. Já houve casos de homens me procurarem pra fazer eu, ele, uma amiga ou namorada, eu nunca fiz por segurança. Imagina estar dentro do quarto com a pessoa, aí tá um homem e uma mulher e tentarem me agredir, me matar, sei lá. A questão da segurança [...]” (Maia, via WhatsApp, 2019).

Por isso, para Maia, que se declarou bissexual, não seria um problema atender mulheres, mas nos casos em que houve procura, elas estavam acompanhadas. Então, ela fala sobre o receio em atender mais de uma pessoa ao mesmo tempo e o risco que isso representaria para ela. Melody afirmou:

eu sou heterossexual, não me envolvo de jeito nenhum com mulher, nem pagando. Já tive muitas oportunidades, mas comigo não rola não. Eu acho assim, independe de estar pagando, eu me importo com meu bem-estar. Também não tô ali só por ir, também sinto alguma coisa" (Melody, trecho de entrevista, 2018).

Inúmeros pesquisadores se referem aos “limites simbólicos corporais” que as trabalhadoras colocam no programa, como “ficar com o pé atrás”, a “malandragem” e a “lábia” para negociar com os clientes (França, 2017), e a “maldade” para conversar, antecipando o que o cliente está pensando adiante, atitude que neutraliza a sedução do cliente (Oliver, 2013). Ímola afirmou nunca ter atendido mulheres.

[...] Só dançar e conversar, porque não têm métodos de prevenção específicos. Atendo casais, geralmente estão com o casamento em crise, prestes a se divorciarem, e tentam a última investida, fazem de tudo para que não chegue ao fim ou querem consertar alguma coisa. Então, eles procuram novas experiências. Casais que têm uma relação sexual muito mórbida, muito fria. A mulher não sabe muito bem o que fazer. Já atendi casais com 25, 30 anos de casados. Esses casais chegam até mim por meio do site, eles têm receio de ir à boate e serem reconhecidos. Também pelo fato de as pessoas não terem a cabeça tão desconstruída, por isso digo que somos uma espécie de psicóloga. (Ímola, via WhatsApp, 2019).

A fala de Ímola, que se descreve como “uma espécie de psicóloga” ao atender casais, ressalta a importância da dimensão afetiva nos intercâmbios. Essa prática pode ser analisada a partir do que Cristiane Melo chama de “conexão emocional”, um componente central do serviço que transcende o ato sexual (Melo, 2024). Gerir essa conexão exige um sofisticado trabalho emocional que se articula com as práticas de “cuidado de si”, pois implica em estabelecer limites subjetivos para se proteger enquanto se oferece escuta e afeto ao cliente.

Essa prática de atender casais e homens, individualmente, foi notada ao observar as plataformas; as anunciantes expõem, na descrição de seus perfis, os serviços que oferecem e o público que se dispõem a atender, como pode ser visto no capítulo sobre as “Esquinas” Virtuais. A definição de quem atende se apresenta também como uma regra e interdito, posto que algumas expressam atender somente homens, inclusive como dito por Melody, que afirmou de forma alguma atender mulheres, enquanto Maia e Ímola mostraram-se abertas a essa possibilidade.

As recomendações de autocuidado e cuidado com o outro podem também ser percebidas nas trocas possibilitadas pelo grupo no WhatsApp. A narrativa de Melody sobre o compartilhamento de informações de risco exemplifica a construção do que

Adriana Piscitelli (2016) define como “redes de ajuda e cuidado”. Esses espaços virtuais extrapolam a divulgação de serviços e se tornam infraestruturas de suporte coletivo, onde o compartilhamento de informações sobre riscos funciona como uma tecnologia de cuidado que não é apenas individual, mas articulada em rede, essencial para a autopreservação em um contexto de vulnerabilidade (Piscitelli, 2016). A fala de Melody ilustra essa prática: “nessa semana uma menina foi espancada [...] Ela mandou foto no grupo [...] A gente vê casos na TV, inclusive duas meninas que morreram estavam no grupo...Uma foi uma fatalidade, a outra a gente não sabe o que aconteceu” (Melody, trecho de entrevista, 2018). Essa dinâmica dialoga com os achados de Lara Facioli, que analisa as práticas de ajuda mútua feminina na era das mídias digitais entre mulheres de classes populares (Facioli, 2013). O grupo descrito por Melody funciona como uma dessas redes, onde o compartilhamento de informações sobre riscos se torna uma estratégia coletiva fundamental para a autopreservação, mostrando como a tecnologia pode ser apropriada para construir laços de solidariedade.

Considerações Finais

Este artigo explorou as dinâmicas complexas que permeiam as interações em plataformas digitais, onde os intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos são negociados. A partir dos diálogos com três mulheres que atuam no mercado do sexo, foi possível identificar como as plataformas digitais têm impacto significativo sobre suas práticas, permitindo maior flexibilidade e controle, ao mesmo tempo que impõem novos desafios.

As interlocutoras, Maia, Melody e Ímola, revelaram por meio de suas experiências que a gestão de suas agendas, a definição de limites corporais e simbólicos, e o estabelecimento de regramentos são componentes essenciais para a autopreservação. A reflexão proposta por Foucault em torno do "cuidado de si" ocupa lugar estruturante nesta discussão, não apenas como estratégia de autopreservação, mas como um conjunto de “tecnologias do eu” — práticas pelas quais os indivíduos atuam sobre corpo, pensamento e conduta, buscando a transformação de si mesmos. Inspirada na releitura foucaultiana da ética greco-romana, esta perspectiva evidencia como as interlocutoras, ao agenciar suas performances, selecionar clientes e estabelecer limites, não apenas se protegem, mas se constituem ativamente como sujeitos morais de suas próprias ações. Nesse processo, suas práticas de subjetivação se inscrevem em um campo atravessado por estímulos sociais e pelas exigências da "plataformização" digital, revelando um exercício de “estética da existência”: a produção inventiva de modos de vida em que a própria existência é

trabalhada como obra, em tensão com os regimes normativos que a condicionam. (Foucault, 2004)

O fenômeno da "plataformização" contribui para a transformação das relações sociais e comerciais, redefinindo as dinâmicas de poder no contexto dos intercâmbios. As regras e exigências estabelecidas pelas plataformas digitais afetam não apenas a interação com os clientes, mas também a percepção e experiência de trabalho das mulheres reconfigurando sua autonomia e introduzindo novas formas de dependência da infraestrutura digital, sem que isso necessariamente represente uma precarização de relações formais de trabalho (Caminhas, 2022). Além disso, observa-se que as estratégias de cuidado não se restringem ao indivíduo, mas ampliam-se para redes de apoio, formadas nas interações entre as trabalhadoras, em que compartilham informações sobre riscos e cuidados.

Finalmente, a análise deste estudo sublinha a complexidade das experiências das mulheres no trabalho sexual, tanto nas interações digitais quanto físicas. A investigação trouxe à tona as nuances de uma realidade que envolve questões de segurança, identidade e autonomia, destacando a importância de cada uma dessas dimensões nas práticas cotidianas. As narrativas das interlocutoras servem para enriquecer o entendimento sobre o campo do trabalho sexual em contextos contemporâneos, demonstrando a diversidade de experiências e escolhas que caracterizam essa atividade.

Essas considerações nos convidam a refletir sobre as múltiplas camadas que compõem as vivências dessas mulheres e a importância de uma abordagem que considere a complexidade das interações em torno dos intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos, tanto nas “esquinas” digitais quanto nas físicas.

Referências

ARAÚJO, Luana Broni; BANDEIRA, Maria Ceci Leal; VAZ SILVA, Tiago Luís. Coelho. Prostituição de Luxo: Gênero, Trabalho e Sociabilidade na cidade de Belém. *Revista Pegada Eletrônica* (Online), v. 16, p. 364-377, 2015. DOI:10.29327/119412.2017-1.

BARBOSA, Roseli Bregantin. Camgirl e a Uberização do Trabalho Sexual na Internet no Brasil. In: *XXXI Congresso ALAS – Uruguai 2017, Montevideu. Anais*. Montevideu: 2019, s/p. 19p. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/343432081_CAMGIRL_E_A_UBERIZAÇÃO_CAO_DO_TRABALHO_SEXUAL_NA_INTERNET_NO_BRASIL> Acesso em 30 ago 2019. DOI:10.29327/119412.2017-1.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CAMINHAS, Lorena. Mercados eróticos e trabalho sexual na era das plataformas digitais. ABET, São Paulo 26 de maio de 2022. Disponível em: <<https://abet-trabalho.org.br/mercados-eroticos-e-trabalho-sexual-na-era-das-plataformas-digitais/>>. Acesso em 23 set 2025.

DELEUZE, G. *Difference et répétition*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. *Conectadas: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das mídias digitais*. 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/6750>>. Acesso em 04 out 2025.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. *Mídias digitais e horizontes de aspiração: um estudo sobre a comunicação em rede entre mulheres das classes populares brasileiras*. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/8892>>. Acesso em 10 out 2025.

FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: Foucault, Michel. *Ética, política, sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V). pp.198-199

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o "cuidado de si"*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2014. *Caderno de resumos III Semana de Filosofia Livre* (SEFILL) – O Manguezal, v.1, n.6 –ISSN: 2674-7278.

FRANÇA, Marina. A vida pessoal de trabalhadoras do sexo: dilemas de mulheres de classes populares. *Sex. Salud Soc.* Rio de Janeiro. 2017, n.25, pp.134-155. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198464872017000100134&script=sci_abstract&tlang=pt>. Acesso em 10 dez 2020. DOI: 10.1590/1984-6487.sess.2017.25.07.a.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3^a edição, 1984, p.112.

GILLESPIE, Tarleton. The politics of 'platforms'. *New Media & Society*, v. 12, n. 3, p. 347-364. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/258173728_The_politics_of'_platforms>. Acesso em 19 set 2025. DOI:10.1177/1461444809342738.

LÉVY, Pierre. “O ciberespaço como um passo metaevolutivo”. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (orgs.). *A Genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina. 2004, pp. 157-170.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. *O Que é Virtual?* Rio: Editora 34, 1996. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0ByGOj9_gW1Y7OXBTdWhWRlo4MUE/view?resourcekey=0-qMDMuVREd469gkcB6IUtbA>. Acesso em 10 jun 2019.

MANOVICH, L. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.

MELO, Cristiane Vilma de. *Desejo, trabalho e agenciamentos: a (des) plataformização do trabalho sexual no contexto brasileiro*. 2024. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/20765>>. Acesso em 25 de out de 2024.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. *Parágrafo*, v. 2, n. 3 jul./dez, 2015, pp.91-111. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334>>. Acesso em 25 de out de 2024.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. *Digital Anthropology*. London: Berg, 2012.

MILLER, Daniel; Don Slater. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, 10 (21), 2004, 41-65. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/>>. Acesso em 20 set 2025.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 6, n. 2, jul.-dez, 2016, pp. 275-297.

MISKOLCI, Richard. *Desejos Digitais*. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

PASINI, Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu*. Vol. 14, p. 181-200, 2000.

PINHEIRO, Tainara Lúcia Pinheiro; RODRIGUES, Carmem Izabel. Mediações Visíveis Na Cidade: Olhares Sobre o Racismo em Belém do Pará, *Nova Revista Amazônica*

- Volume VIII - Nº 02 - Setembro 2020- ISSN: 2318-1346. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/9372>>. Acesso em 20 set 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v8i2.9372>.

PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais, *Cadernos Pagu*, 47, 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/cpa/a/S5RPNkLq7qrxK6hFpcRcHQk/?lang=pt>>. Acesso em 10 nov 2021. DOI:10.1590/18094449201600470005.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização (Platformisation, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). *Revista Fronteiras* – estudos midiáticos 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Unisinos. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>. Acesso em 08 ago 2024. DOI: 10.4013/fem.2020.221.01.

SILVA, Gabriela Natalia da. *Prostituição, corpo e análise do discurso: a vida e o mundo das prostitutas de luxo*. 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018.

SLEE, Tom. *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*. São Paulo: Elefante, 2017.

Recebido em 31 de janeiro de 2025.

Aceito em 05 de novembro de 2025.